
“BACK TO PLASTIC!”: A PRESENÇA FÓSSIL-FASCISTA EM DECLARAÇÕES DO GOVERNO TRUMP (2025)

“BACK TO PLASTIC!”: THE FOSSIL-FASCIST PRESENCE IN TRUMP ADMINISTRATION STATEMENTS

DOI: 10.5380/cg.v14i3.99644

Lucas Lira de Menezes¹

Carolina Pereira Madureira²

Resumo

O objetivo geral do presente trabalho é analisar as recentes declarações e posicionamentos do presidente estadunidense, Donald Trump, e suas relações com o *modus operandi* fóssil-fascista, nos moldes propostos por Andreas Malm (2021). Para isso, a metodologia escolhida para a sua realização foi a qualitativa, fazendo uso de um arcabouço teórico bibliográfico que aborda temáticas sobre relações internacionais, ciência política, meio ambiente e ecologia política. Ademais, possuindo a pergunta-problema: “Como o fascismo fóssil pode ser percebido nas declarações do Governo Trump (2025)?”, o trabalho possui a hipótese de que, ao negar problemas e catástrofes ambientais atestadas cientificamente, ao passo em que advoga pelo aumento do uso desenfreado de combustíveis fósseis que contribuem significativamente para a destruição ambiental, direcionando o foco dos problemas estadunidenses para uma minoria étnico-racial, o mandato atual do presidente Trump cumpre os requisitos de um governo em processo de fascistização-fóssil. Portanto, buscando comprovar essa hipótese, o trabalho divide-se em três partes, objetivando: (1) elucidar a essência do fascismo; (2) explicar sua operacionalização em pautas do meio ambiente, diferenciando o ecofascismo do fascismo fóssil; (3) discorrer sobre as recentes declarações do Governo Trump (2025) sob a ótica do fascismo fóssil. Por fim, o trabalho almeja contribuir para o fortalecimento do pensamento crítico sobre a atuação do fascismo na contemporaneidade nos estudos políticos e ambientais.

Palavras-Chave: Fascismo; Fascismo fóssil; Donald Trump; Meio ambiente.

Abstract

The objective of this work is to analyze the recent statements and positions of the US President, Donald Trump, and its relations with the fossil-fascist *modus operandi*, along the lines proposed by Andreas Malm (2021). To this end, the methodology chosen for its implementation was qualitative, using a bibliographical theoretical framework that addresses issues on international relations, political science, the environment and political ecology. Furthermore, having the problem-question: “How can fossil fascism be perceived in the statements of the Trump Administration (2025)?” the work has the hypothesis that, by denying scientifically attested environmental problems and catastrophes, while advocating for the increase in the unbridled use of fossil fuels that contribute significantly to environmental destruction, directing the focus of American problems to an ethnic-racial minority, President Trump's current term meets the requirements of a government in the process

¹ Doutorando em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UFBA. Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do Núcleo de Estudos Sobre Sustentabilidade Ambiental e Social (NESSAS), da UFPI. Membro do Centro de Pesquisa BRICS+ (NEPBRICS), da UFBA. E-mail: lucas_lira_menezes@hotmail.com.

² Doutoranda em Direito pela UFC. Mestre em Ciência Política pela UFPI. Docente do Departamento de Direito da Universidade Regional do Cariri (URCA). Membro do Núcleo de Estudos sobre Sustentabilidade Ambiental e Social (NESSAS). E-mail: carolina.madureira@urca.br.

of fossil-fascistization. Therefore, seeking to prove this hypothesis, the work is divided into three parts, aiming to: (1) elucidate the essence of fascism; (2) explain its operationalization in environmental issues, differentiating ecofascism from fossil fascism; (3) discuss the recent statements of the Trump Administration (2025) from the perspective of fossil fascism. Finally, the work aims to contribute to the strengthening of critical thinking about the role of fascism in contemporary political and environmental studies.

Keywords: Fascism. Fossil fascism. Donald Trump. Environment.

* Artigo recebido em 13 de maio de 2025, aprovado em 08 de agosto de 2025.



1. INTRODUÇÃO

No dia 05 de novembro de 2024 ocorreu a eleição presidencial nos Estados Unidos da América (EUA), onde o ex-presidente estadunidense republicano, Donald Trump, foi eleito ao ultrapassar a marca de 270 delegados, impossibilitando a sua concorrente representante do Partido Democrata, Kamala Harris, de alcançá-lo na corrida eleitoral (Redação G1, 2025).

Assim, mesmo depois de diversas controvérsias envolvendo o seu nome e sua atuação como presidente por um mandato (2016-2020), Trump se elegeu como o 47º presidente dos EUA. Após a sua posse presidencial em 20 de janeiro de 2025, Trump começou a realizar uma sequência de anúncios e decretos polêmicos, revogando a participação estadunidense em diversos acordos e organizações internacionais que promovem a cooperação em vários âmbitos, como saúde, meio ambiente e direitos humanos (Redação G1, 2025).

Indo na contramão de pautas progressistas internacionais ambientais, Trump adotou um viés negacionista, removendo os Estados Unidos do Acordo de Paris e direcionando o foco dos problemas estadunidenses e universais para os imigrantes. Ainda, Trump passou a fazer diversas declarações em suas redes sociais promovendo ações que prejudicam diretamente o meio ambiente, como a ressurreição do slogan republicano “Drill, baby, drill” (“Perfure, bebê, perfure”), fomentando a perfuração desenfreada do solo (Brady, 2025), e o recente “Back to plastic!” (“De volta ao plástico!”), que advoga contra a substituição de canudos plásticos por canudos de papel (Yeshiva World News, 2025).

Essas atitudes do presidente estadunidense acabam por se assimilar aos pressupostos fascistas, mais especificamente do fascismo fóssil, estipulados por estudiosos da área da Ecologia Política Internacional. Levando em consideração os assuntos supracitados, a presente pesquisa possui a seguinte pergunta norteadora: como o fascismo fóssil pode ser percebido nas declarações do Governo Trump (2025)? Assim, a hipótese do trabalho é que, ao negar problemas e catástrofes ambientais atestadas cientificamente, ao passo em que advoga pelo aumento do uso desenfreado de matérias que contribuem significativamente para a destruição ambiental, direcionando a culpa dos problemas estadunidenses para uma minoria étnico-racial, o mandato atual do presidente Trump cumpre os requisitos para ser considerado fóssil-fascista.

Portanto, buscando solucionar a pergunta-problema e comprovar a hipótese, o presente trabalho possui como objetivo geral analisar essas declarações trumpianas mencionadas acima e suas relações com o *modus operandi* fóssil-fascista, nos moldes propostos por Malm (2021). Para isso, o artigo se divide em três tópicos, representando os objetivos específicos, que buscam: (1) elucidar a essência do fascismo; (2) explicar sua operacionalização em pautas do meio ambiente, diferenciando o ecofascismo do fascismo fóssil; (3) discorrer sobre as recentes declarações do Governo Trump (2025) sob a ótica do fascismo fóssil.

Com a finalidade de desenvolver sobre o que se configura como fascismo e a sua essência, o primeiro tópico é responsável por explicar conceitos-chave do fascismo, como ultranacionalismo e

ódio à minoria(s). Após tal desenvolvimento, discorreremos sobre como o fascismo opera em pautas ambientais, diferenciando duas das vertentes do fascismo ambiental: o ecofascismo e o fascismo fóssil. Já a terceira parte do trabalho desenvolve-se a partir da análise de declarações de Trump em seu perfil na rede social “X” (antigo Twitter), buscando relacioná-las com os pressupostos fóssil-fascistas abordados no primeiro tópico.

Isto posto, a metodologia do trabalho é qualitativa, com abordagens teóricas e empíricas, fazendo uso de levantamento bibliográfico. Segundo Vasconcelos (2023), as abordagens teóricas e empíricas não são excludentes, podendo conviver e se articular em demasiadas investigações científicas. Logo, o presente trabalho pretende desenvolver conceitos teóricos sobre fascismos, ao passo em que atrela tais conceitos às declarações de Trump, com o intuito de fortalecer o caráter empírico da pesquisa.

Dessa forma, segundo estipulado por Kirschbaum (2013), a metodologia qualitativa busca a constatação de medidas necessárias a partir da compreensão de um fenômeno de interesse. Assim, o método é bibliográfico, uma vez que é escolhido por estudiosos que visam trabalhar com obras já publicadas sobre a temática escolhida, podendo variar as opções de revisão dentre um arcabouço de publicações de autores isolados, periódicos, trabalhos de conclusão de cursos no geral, dissertações de mestrado, teses de doutorado, jornais, revistas, bem como outros escritos que possuam as devidas credibilidades no cenário acadêmico nacional e internacional (Lakatos; Marconi, 2001).

No mais, a atualidade é destacada no trabalho, uma vez que, além de abordar questões e vertentes teóricas ambientais na contemporaneidade, aborda declarações e decisões recentes de inclinações fascistas cometidas pelo chefe de Estado de uma das maiores potências mundiais, aumentando ainda mais o clima de insegurança e desconfiança no cenário internacional. Por fim, o artigo pretende contribuir para os estudos das Relações Internacionais, Ciência Política, Ecologia Política Internacional, e demais áreas das Ciências Humanas e Sociais.

2. A ESSÊNCIA DO FASCISMO

Para compreender o fascismo fóssil e sua relação com as recentes declarações de Donald Trump, primeiro faz-se necessário que seja abordada a conceitualização de fascismo *per se*.

Roger Griffin (1993), em seu livro “The Nature of Fascism”, busca desvendar os mistérios que giram em torno do “enigma” do fascismo. Segundo o autor, uma das poucas afirmações que não possuem controvérsias acerca do tema é que esse nome foi utilizado para se tratar do regime político italiano liderado por Mussolini, estabelecendo-se enquanto ideologia oficial do seu regime ditatorial na Itália, no período entre 1925 a 1943.

Após a queda dos regimes fascista italiano e do nazista alemão com o fim da Segunda Guerra Mundial, surgiram diversos estudos que buscam categorizar e classificar regimes enquanto fascistas, muitos possuindo a finalidade de perceber possíveis ascensões desses ideais em novos governos no

cenário internacional. No entanto, Malm (2021) pontua que é essencial a compreensão do seu âmago enquanto um conjunto de ideias que giram em torno da concepção de que a nação deve renascer.

Para Griffin (1993) e Malm (2021), o fascismo ganha força perpetuando a ideia de que a nação está no seu leito de morte, em que há ameaças contra a sua existência. Essas ameaças surgem em diversas formas, como rebaixamento geopolítico, "humilhação" militar, degeneração cultural, desvio ideológico, miscigenação racial, redução econômica ou perda de identidade. Independente de quais sejam as ameaças, a nação "precisa" ser resgatada (Malm, 2021).

Assim, esse sentimento de fé pela nação é alimentado cada vez, definindo-a não apenas como instituição ou entidade constitucional responsável pelos direitos e obrigações dos seus cidadãos, mas, segundo Malm (2021), como uma espécie de patrimônio racial e cultural que busca unir a civilização pela herança e sangue. Essa fé delirante pela nação, característica-chave para identificar um regime fascista, é chamada por Griffin (1993) de ultranacionalismo.

Um exemplo clássico da ascensão de um regime fascista por conta do sentimento de humilhação militar e rebaixamento geopolítico é o nazista. Com o fim da Primeira Guerra Mundial pela assinatura do Tratado de Versalhes, em 28 de junho de 1919, várias sanções foram impostas à Alemanha, com a justificativa de que era um Tratado em busca da perpetuação da paz mundial. No entanto, os termos impostos à Alemanha pelos danos causados durante a guerra aos países da Tríplice Entente iam desde a indenização por tais prejuízos até a redistribuição de boa parte do seu território para outros países fronteiriços, além das suas colônias em território africano e oceanos (Porto; Silva, 2019).

Ainda, a Alemanha foi obrigada a abrir mão da totalidade dos seus navios de carga e das suas principais minas de carvão. O Tratado também penalizava os cidadãos alemães, confiscando as finanças e bens particulares privados em outros Estados, freando o desenvolvimento alemão em diversas esferas de riqueza, como o comércio externo, o sistema de transporte e a indústria metalúrgica (Porto; Silva, 2019).

Assim, as cláusulas do Tratado deixavam claro o total desarmamento da Alemanha, sendo proibida de possuir mais de 100 mil homens no seu exército, bem como de transformar o serviço militar obrigatório em alistamento voluntário (Porto; Silva, 2019). Dito isso, a Alemanha passou a ser totalmente desarmada, afetando diretamente a sua soberania e consagrando um sentimento proposto por Griffin (1993) de humilhação militar e rebaixamento geopolítico.

Segundo Porto e Silva (2019), o Tratado de Versalhes, além da humilhação causada na população, provocou um choque e revolta, pois as suas cláusulas representavam os interesses manipulados dos ingleses e de uma França em decadência. Em consequência, acabou contribuindo para a ascensão do regime nazista, que buscava, nos termos levantados por Griffin (1993), o renascimento de uma nação antes da humilhação, acendendo nos seus cidadãos o sentimento de fé na nação e, logo, fazendo surgir o ultranacionalismo propagado pela Segunda Guerra Mundial.

Essa perspectiva de “resgate da nação” pode ser percebida atualmente no cenário internacional como forma de agir da extrema-direita em diversos Estados. Como o foco da pesquisa gira em torno do governo atual de Donald Trump, pode ser mencionado o seu slogan “*Make America Great Again*” (“Faça a América Grande Novamente”) (Kraut, 2016), responsável por alimentar o sentimento nostálgico na população estadunidense, através de uma narrativa de que antigamente os segmentos da nação funcionavam de maneira mais eficaz e, por isso, era uma época melhor de se viver. Nos moldes propostos por Griffin (1993), nesse caso específico, a sensação de fé pela nação que gera o ultranacionalismo não aconteceu por humilhação militar, mas sim pelo controle de uma sensação de desvio ideológico ou degeneração cultural.

Kraut (2016) afirma que o slogan-promessa trumpista de “*Make America Great Again*” durante a campanha da eleição presidencial de 2016 (que também foi reutilizada na de 2024) apelava para que os EUA voltassem a uma suposta era de prosperidade e liderança global, alegando que ela havia sido perdida. Sempre culpabilizando decisões supostamente equivocadas tomadas por presidentes anteriores, que não possuíam um posicionamento “firme” e impositivo, Trump afirmava que os EUA acabaram por enfraquecer as suas políticas nacionais e suas fronteiras, permitindo o enfraquecimento da nação estadunidense (Kraut, 2016).

Um dos principais pontos da sua campanha em 2016, que também foi resgatada com mais afinco na de 2024, foi a perseguição aos imigrantes, sempre reiterando a superioridade ianque, associando e generalizando os imigrantes a crimes como o tráfico de drogas e a prostituição (Kraut, 2016). Dito isso, esses argumentos se caracterizam como pressupostos fascistas de superioridade racial levantados por Malm (2021) e Griffin (1993), uma vez que esses discursos associam um povo como superior a outro, associando o “outro” a práticas criminosas responsáveis pela decadência da nação.

Essa prática também foi muito presente e um dos pilares na sustentação do regime nazista na Alemanha. De acordo com Staudenmaier (1996), uma das declarações mais comumente utilizadas pelos governantes hitlerianos na época da vigência nazista era o reforço de que a “Alemanha era dos alemães”, reforçando a superioridade racial presente nos “alemães puros” e, logo, sendo contrários à miscigenação racial. Era muito comum a presença de discursos que reforçavam a ideia de que a Alemanha deveria permanecer alemã, direcionando a culpa dos desastres socioeconômicos e ambientais às minorias presentes no território alemão, especialmente os judeus (Staudenmaier, 1996).

Já no caso dos Governos Trump, o “outro” culpado não são os judeus, mas sim os imigrantes (Robichez; Bernardes; Bohrer, 2025) e a cultura “*woke*”³ (BBC, 2024), que foi mais atacada durante a campanha de 2024 do que a de 2016. Os imigrantes, no geral, mas especialmente os mais racializados, eram, e continuam sendo, os alvos principais de culpabilização dos problemas

³ De acordo com Daniela Ribeiro (2023), a cultura *woke* pode ser classificada como um novo movimento de cunho progressista em prol dos direitos humanos, que aparece de maneira revolucionária e impositiva.

estadunidenses atuais no Governo Trump, principalmente os árabes, pela inflamação do 11 de Setembro, e os latinos, pela falsa narrativa propagada que estes migram para os EUA com o intuito de roubar os empregos dos cidadãos estadunidenses (Agence France-Press, 2024), ou as generalizações associadas ao tráfico de drogas (Redação G1, 2025).

Malcom (2022) explica que esse preconceito contra imigrantes racializados advém da fratura colonial. Para o autor, os não brancos ainda hoje possuem a sua humanidade questionada pelas ontologias de raça. Assim, os imigrantes racializados que se deslocam dos seus territórios em busca de uma vida melhor, por conta das fraturas coloniais ocasionadas, muitas vezes acabam sendo aquelas pessoas que são encontradas exercendo profissões que, na maioria das vezes, são subalternizadas e desumanizadas, como coletores de lixo, responsáveis por limpezas de praças e instituições públicas, condutores de transportes públicos, dentre outras (Malcom, 2022).

Dessa forma, acaba sendo mais “fácil” e “cômodo” para os governantes de extrema-direita, que buscam o resgate de uma fé em uma nação pela população, direcionar o foco da culpa para essas pessoas. Ora, eles não as consideram nem enquanto humanos como eles, logo, tornam-se o bode expiatório perfeito pela responsabilização da decadência da nação, uma vez que, segundo Malm (2021), o fascismo só ascende em momentos de crise.

Malm (2021) explica que os regimes de cunho fascista totalitário só ascendem ao poder quando possuem permissão, ou seja, diante de crises em que a população está se sentindo desamparada de alguma forma pelos governantes, as classes dominantes dão margem para a ascensão fascista. Dessa maneira, esse regime acaba surgindo por meio da utilização de falácias de cunho populistas que pretendem resgatar o sentimento de fé pela nação (Malm, 2021). Ainda, Maciera (2020) reafirma que esse caráter de fé pela nação, dentro dos pressupostos fascistas, vem carregado de projetos expansionistas.

Nesse sentido, Griffin (1993) salienta que o fascismo pode ser entendido como um ultranacionalismo palingenético. Ou seja, ele pode aparecer de diferentes formas, mas sempre que acontecer, virá carregado de uma noção de grandeza nostálgica em crises presentes, intercedendo por um renascimento de uma nação antes exaltada e exclusiva (Griffin, 1993).

Vale ressaltar e dar o devido foco ao poder de agitação das características fascistas, como as falas populistas e a “facilidade” de redirecionar o foco dos problemas para minorias e/ou oprimidos historicamente. Malm (2021) pontua que as ideias fascistas se tornam um abrigo para os politicamente desabrigados ou socialmente desenraizados, além de abrigar os destituídos ou os desiludidos pelo sistema, seduzindo-os a partir da sua promoção como um movimento “revolucionário”, “antissistema” e agregador, buscando a junção de forças enquanto uma comunidade nacional que compartilha da mesma herança e sangue e que devem se unir contra um suposto mal comum.

Porém, Malm (2021) adverte para a problemática na criação de diversos outros termos para identificar fascismos, uma vez que esses demasiados rótulos vêm com riscos que podem tornar sua

utilização desleixada, banalizada e politicamente enganosa. Um exemplo disso foi quando a organização internacional fundada por Vladimir Lenin, Internacional Comunista, passou a associar o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista) com a social-democracia alemã, difundindo que ela era uma variedade gêmea nazista e portadora do “social-fascismo”. Segundo Malm (2021), essas afirmações não só impediram uma frente unida entre social-democratas e comunistas contra o Partido Nazista, mas também facilitou a sua ascensão.

Portanto, levando em consideração a importância de identificar a essência do fascismo, vale reiterar que ele pode aparecer de diversas maneiras nos diferentes âmbitos que regem um Estado por conta da sua característica palingenética. Um grande exemplo disso é sua forma de operacionalizar em questões ambientais. Dentre as lentes teóricas que podem ser analisadas na atuação e na relação do fascismo com o meio ambiente, o tópico a seguir objetiva diferenciar as vertentes fóssil-fascista e ecofascista, para depois explicar como o Governo Trump (2025) vem atuando dentro dessa pauta.

3. A OPERACIONALIZAÇÃO DO FASCISMO NO MEIO AMBIENTE

Em questões ambientais, o fascismo pode ser analisado operando de várias formas. Para além do oportunismo fascista e do *modus operandi* de redirecionamento de culpa, existem vertentes fascistas que, genuinamente, compactuam filosoficamente com ideias ecológicas de proteção ambiental. Porém, utilizam-se dessas pautas ecológicas para justificar e propagar o racismo e a xenofobia que se encontram no âmago do fascismo.

Dito isso, o tópico em questão se debruçará sobre duas formas de operacionalização do fascismo no meio ambiente: o ecofascismo e o fascismo fóssil. Assim, demonstra-se como funcionam de maneiras distintas (utilizando de pautas ecológicas para propagar superioridade racial e eugenia; e através do negacionismo e redirecionamento de culpa para proteger o capitalismo fóssil), mas compactuando com a essência percorrida no tópico anterior, que tornam ambas vertentes, de fato, fascistas.

O ecofascismo surge, como o próprio prefixo “eco” aponta, a partir da adoção de pautas ecológicas. Segundo Staudenmaier (1996), a utilização de pautas ecológicas que justificam a eugenia através da exaltação da pátria e sua relação com a natureza vem desde o surgimento da própria Ecologia enquanto ciência. O autor pontua sobre como a Ciência da Ecologia foi impulsionadora do nazismo, ao passo que a Alemanha foi o seu berço, fazendo com que se propagasse o primeiro pensamento ecológico presente na modernidade proposto por Ernst Arndt (Staudenmaier, 1996).

Através da negação do iluminismo e da procura por uma identidade baseada na tradição arcaica alemã, Arndt foi um dos precursores da Ecologia. Em sua carreira política, ele defendia o nacionalismo exacerbado, dentro das pautas levantadas pela essência do fascismo no tópico anterior, como a pureza racial alemã, sempre ressaltando uma suposta superioridade racial dos alemães. O

que fez seu pensamento se solidificar enquanto princípio basilar do ecofascismo foi o desenvolvimento do culto à natureza, criticando a civilização industrial emergente (Nunes, 2014).

Dentro do campo ecológico, esses pensamentos acabaram sendo respaldados a partir de vieses preservacionistas. Segundo Diegues (2008), a essência do preservacionismo pode ser vista como uma percepção da natureza a partir de um sentido de apreciação espiritual e estética de uma vida “selvagem” como forma de reverência. Dessa forma, essa vertente teórica da Ecologia, se desenvolve a partir das influências dos trabalhos de Henry Thoreau, que se embasava na concepção de um ser único, universal, que transcendia o que se entende por natureza (Diegues, 2008).

No entanto, de acordo com Diegues (2008), John Muir foi o teórico que se consagrou como o mais relevante do preservacionismo. Muir organizou com mais afinco os princípios basilares de uma epistemologia preservacionista (Diegues, 2008). Segundo Diegues (2008), o respeito e o reconhecimento da natureza como parte de uma comunidade onde todos os seres são igualmente pertencentes, como as pedras, as montanhas e os corpos d’água, era essencial. Ainda, Muir reiterou uma superioridade dos outros seres vivos aos humanos, em que afirmava que, caso houvesse uma guerra da humanidade contra os animais selvagens, ele estaria inclinado a apoiar os animais (Diegues, 2008).

Bebendo desses pressupostos preservacionistas, surge Marsh (1965) que, assim como Arndt, exposto por Nunes (2014), salientava sobre os impactos negativos da civilização no meio ambiente. Conforme o autor, o humano deveria utilizar a terra para o seu usufruto, constituindo-se junto à natureza. Porém, o que estava ocorrendo com o advento da modernidade era o consumo desenfreado e a degradação ambiental (Marsh, 1965).

Assim, Staudenmaier (1996) demonstra empiricamente como os princípios ecológicos preservacionistas foram importantes aliados para a consagração do regime nazista, que possuiu um caráter ecofascista, no que tange às pautas ambientais. Staudenmaier (1996) pontua sobre como Hitler e os seus assessores eram vegetarianos, protegiam a pauta animal e foram responsáveis pelo estabelecimento de parques de preservação ambiental, conquistando até mesmo a juventude preocupada com assuntos ambientais.

Esses jovens, conhecidos como “hippies de direita”, corroboraram para a ascensão do regime nazista, justamente por conta das pautas ambientais associadas ao ultranacionalismo. Assim, acabou havendo uma transformação ontológica de “endeusamentos”. O que antes era direcionado para a natureza, acabou sendo redirecionado para o *Reich*, uma vez que o viam como protetor e defensor das suas pautas (Staudenmaier, 1996).

O principal ponto que configura as questões “eco” enquanto fundamentais para justificar o massacre de outros povos pelo regime nazista foi a sua associação com a eugenia. Segundo Staudenmaier (1996), no regime nazista existia a “ala verde”, que possuía enorme protagonismo e popularizou o ditado “*Blut und Boden*” (Sangue e Solo) como doutrina oficial. Esse slogan culpabilizou os judeus pelas catástrofes ecológicas. De acordo com o ex-Ministro da Alimentação e

Agricultura do *Reich*, Richard Darré, os judeus eram um povo “errante”, “sem raízes” e “incapazes de qualquer relacionamento com a terra” (Staudenmaier, 1996).

Logo, o regime nazista utilizou essa retórica de proteção ambiental, dentre várias outras, para cometer genocídios e associar a pureza da raça aariana à preservação da natureza, associando, inclusive, à ampliação do território alemão (mais uma das características-chave da operacionalização fascista), visando o estabelecimento de uma harmonia entre o povo alemão e o espaço geopolítico (Staudenmaier, 1996). Vale ressaltar que, de acordo com Staudenmaier (1996), existem relatos de que Darré foi um dos principais responsáveis pelo holocausto, sob essas justificativas mencionadas acima.

Por fim, o ecofascismo se manteve presente durante o regime nazista pela forma como se percebia a presença do misticismo da natureza na sua atuação. O uso desse misticismo com relações com o nacionalismo alemão eram recorrentes. Sempre eram utilizados argumentos como “proteção da Alemanha”, fazer com que a mesma “permanecesse alemã”, com o intuito de causar repulsa e medo de uma possível tomada de territórios alemães por imigrantes. Desse modo, essa tática foi responsável por fazer com que as pessoas fossem contrárias ao processo de imigração e, logo, de miscigenação (Staudenmaier, 1996).

Diante disso, é válido mencionar que na atualidade os projetos ecofascistas (re)surgem de maneira muitas vezes malthusianas. Carlos Taibo (2020) argumenta que esses modelos costumam colocar como prioridade discussões demográficas que giram em torno da problemática da superpopulação na Terra. Ou seja, acreditando que existem demasiados habitantes, ecofascistas historicamente surgem propondo medidas que visam a redução da população do planeta (Taibo, 2020).

Segundo Taibo (2020), o Clube de Bilderberg, por exemplo, que diz respeito a uma conferência anual privada que reúne especialistas que fazem parte da elite política e econômica da América anglo-saxônica e Europa, propôs um projeto que visa a redução da população do planeta Terra para 600 milhões de pessoas. Segundo esses especialistas, esse número seria o ideal para a sobrevivência da biosfera como resposta “biológica” (Taibo, 2020).

Ainda, muitos ecofascistas acreditam que as catástrofes ambientais são respostas da natureza a essa superpopulação e não as veem com lentes que buscam a transformação de formas de vida e relações, mas sim visando a promoção de negócios em torno dessas tragédias. Eles compactuam com concepções de que a redução da população é inevitável e ocorrerá com ou sem a aplicação de pautas ecofascistas, pois caso não partam dos seres humanos, a natureza “solucionará” essa problemática organicamente através das catástrofes ambientais (Taibo, 2020).

Porém, o caráter fascista fica implícito e, às vezes até mesmo explícito, uma vez que os seres humanos “culpados” por essa suposta superpopulação que ocasiona os desastres ambientais sempre possuem similaridade em raça, classe e/ou etnia para os propagadores desses ideais. Staudenmaier (1996) salienta sobre essa questão exemplificando a relação de atribuição de culpa aos judeus pelos

nazistas, ao passo em que se autoproclamavam enquanto seres superiores através de discursos embasados em características eugenistas enviesadas. Essa mesma condição pode ser percebida no cenário atual, com a culpa sendo direcionada especialmente para os imigrantes, como exposto anteriormente, visto que os capitalistas em processo contemporâneo de fascistização, quando não estão negando o protagonismo do modelo de produção capitalista no processo de destruição e escassez dos recursos naturais, estão direcionando a culpa para minorias étnico-raciais.

Contudo, levando em consideração o caráter ultranacionalista palingenético apontado por Griffin (1993), dentro do âmbito da operacionalização em questões ambientais, o fascismo nem sempre atuará com uma vertente “eco”. Pelo contrário. Na atualidade, principalmente, é crescente a forma como movimentos de extrema-direita de inclinações fascistas se apresentam de maneira negacionista e ainda mais oportunistas. É dentro dessa premissa que se desenvolve o fascismo fóssil.

Ao contrário do ecofascismo, que possui um caráter mais preservacionista de proteção à natureza, o fascismo fóssil defende e protege os interesses do capitalismo fóssil, indo, muitas vezes, na contramão das pautas progressistas ambientais.

De acordo com Altvater (2017), os combustíveis fósseis são pilares basilares no que tange à relação do capitalismo com a natureza, especialmente o petróleo. Até o final do século passado, o descobrimento de petróleo no cenário internacional era bem mais amplo do que o seu consumo. No entanto, segundo o autor, esse consumo desenfreado acabou por superar as descobertas na contemporaneidade, encolhendo as suas reservas (Altvater, 2017).

Consequentemente, as emissões de gases de efeito estufa, como o gás carbônico pelo consumo de petróleo, também estão aumentando drasticamente. De acordo com o relatório "Global Climate Highlights 2024" do Serviço de Mudanças Climáticas Copernicus (C3S), divulgado em 10 de janeiro de 2025, devido ao aumento exacerbado de emissões de gases responsáveis pelo efeito estufa nos últimos anos, 2024 foi o ano mais quente já registrado e o primeiro a ultrapassar 1,5 °C acima dos níveis pré-industriais (período 1850-1900). Vale ressaltar que o Acordo de Paris estabelece 1,5°C como o limite crítico do aumento na temperatura média ao longo de 20 anos desde a implementação do Acordo em 2015 e que, segundo o relatório apresentado pelo C3S (2025), 2024 não só ultrapassou essa margem como bateu o recorde de maior taxa de emissões de gases do efeito estufa já registrada nos últimos anos, desde 2005.

Com esse aumento, as transformações climáticas estão acontecendo de maneira muito mais acelerada, intensificando uma pressão imediata para que as formas de produção capitalista apliquem maneiras mais sustentáveis, pensando em um bem comum (Altvater, 2017). Todavia, Altvater (2017) pontua que, nos cálculos capitalistas, há uma contestação tremenda a respeito desses resultados de emissões de gases do efeito estufa, ocasionados pela exploração do petróleo. Para os detentores do capital fóssil, os efeitos ocasionados pelo consumo e pela produção fóssil exacerbados não possuem relevância para as suas tomadas de decisão (Altvater, 2017).

Porém, em um cenário internacional em que se comprova cientificamente que o petróleo, segundo Altvater (2017), está para ficar escasso em aproximadamente 40 anos se continuar sendo extraído da maneira que vem sendo, ao passo em que organizações internacionais de sustentabilidade clamam para que medidas drásticas de sustentabilidade sejam tomadas para a proteção da natureza e de todos os seus habitantes, os detentores do capitalismo fóssil se veem ameaçados e, logo, apelam para uma estratégia política que advoga para a proteção do seu estilo de vida e da produção materialista: o fascismo fóssil.

Levando em consideração o exposto por Malm (2021), de que os regimes fascistas só ascendem ao poder quando possuem “permissão” de classes dominantes, a conjuntura supracitada, que representa a atualidade, é perceptível. Essa permissão surge a partir do momento em que a população se encontra diante de crises em que se sente em um estado anômico, desamparada de alguma maneira por aquelas instituições que deveriam protegê-la. Dentre essas crises, é possível citar a crise ambiental que está crescendo cada vez mais na atualidade.

Assim, entre as classes dominantes que visam os interesses privados e que dão margem e apoiam a ascensão de regimes fascistas estão os detentores do capitalismo fóssil. De acordo com Malm (2021), o fascismo fóssil é representado por figuras populistas de extrema-direita, com o intuito de proteger as concepções desenvolvimentistas propagadas pelo capitalismo, que estão intrinsecamente ligadas à exploração da natureza de maneira fóssil-capitalista.

Dessa forma, é possível perceber que essas figuras políticas e seus partidos políticos de extrema-direita agem de duas maneiras, podendo ser de maneira distinta ou concomitante: através da propagação do negacionismo científico e/ou do redirecionamento da culpa. Vale ressaltar que ambas as formas de agir do fascismo fóssil são embasadas na essência do fascismo explicada anteriormente, carregadas de vieses ultranacionalistas e eugenistas.

A primeira forma de agir, a partir do negacionismo científico, argumenta, de maneira populista, que há uma suposta conspiração que está buscando frear o “desenvolvimento” dos países “desenvolvidos”. Assim, segundo Malm (2021), a estratégia utilizada é a de negar os dados científicos, apontando os críticos como histéricos e paranoicos.

Dois exemplos desses posicionamentos por parte de partidos de extrema-direita no cenário internacional atual são o Partido Finlandês e o Alternativa para a Alemanha. Segundo Martínez (2019), em recentes eleições presidenciais na Europa, foi possível perceber suas movimentações negacionistas. As campanhas do Partido Finlandês foram baseadas na rejeição total das políticas para frear a crise climática, argumentando um suposto prejuízo para a classe trabalhadora. Assim como o Partido Finlandês, o Alternativa para a Alemanha seguiu a reafirmação de posturas negacionistas em eleições nas quais a crise climática se mostrou como uma das principais preocupações dos eleitores (Martínez, 2019).

A segunda forma de agir dos fóssil-fascistas é o redirecionamento da culpa. De acordo com Santolini (2021), estão sendo propagadas, por todo o Norte Global, correntes de extrema-direita que

não mais negam as mudanças e as catástrofes climáticas, mas que passaram a interpretar os seus efeitos de maneira instrumentalizada, com o intuito de reforçar ideologias de cunho racista.

Por exemplo, um dos argumentos utilizados para fortalecer a ideia de necessidade da construção de um muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México foi a de que os mexicanos são indivíduos responsáveis por emissões de substâncias danosas ao meio ambiente, como o dióxido de carbono e outros gases responsáveis pelo efeito estufa na atmosfera (Santolini, 2021).

Marine Le Pen, política francesa representante dos ideais de extrema-direita, também pode ser um exemplo disso. Em uma de suas declarações ultranacionalistas xenofóbicas, Le Pen afirmou que os “nômades” (a forma como escolheu se referir aos migrantes e refugiados) não se preocupam com pautas ambientais, pois não possuem pátria (Martínez, 2019). Mais uma vez reforçando o caráter ultranacionalista para justificar uma suposta superioridade racial e proteção da nação.

Dentro dessa perspectiva fóssil-fascista, segundo Santolini (2024), o tradicional negacionismo climático é arquivado. Ou seja, os representantes da extrema-direita não negam mais que existe uma mudança climática que está ocasionando catástrofes ambientais desenfreadas, mas atribuem a culpa àqueles que já estão frágeis, redirecionando o foco do capital fóssil para protegê-lo.

Isso tudo ocorre, pois, de acordo com Santolini (2024), a noção de que os Estados tidos como “desenvolvidos” (nos moldes capitalistas de apropriação e acumulação exacerbada) possuem historicamente mais responsabilidade pelas emissões de gás carbônico não é vantajosa para os detentores do capital fóssil. A ideia de que esses Estados possuem mais culpa em relação aos desastres ambientais do que os Estados do Sul Global reforça um pensamento de que o Norte está em dívida com o Sul (Santolini, 2024).

Portanto, a ameaça para os capitalistas detentores do capital fóssil, que permitem a ascensão do fascismo fóssil, é a imposição de uma mentalidade revanchista, que pode vir com o colapso climático. Essa mentalidade, que vai ao encontro do conservadorismo capitalista, seria a que reivindica um reconhecimento de responsabilidades, promovendo a redistribuição das riquezas, solidariedade, partilha de recursos, reparação e, conseqüentemente, fim do regime de acumulação capitalista (Santolini, 2024).

Em suma, levando em consideração que o estado de crise é uma característica definidora da ascensão do fascismo, a crise climática atual causada pelo aquecimento global pode ser vista como um possível estopim para a aplicação de regimes que giram em torno de pautas fóssil-fascistas. Ståle Holgersen (2025) explica a partir de três maneiras: (1) como uma defesa contra movimentos progressistas que reivindicam o fechamento de plataformas de petróleo e minas de carvão e o impedimento do desflorestamento; (2) a partir das próprias crises que criam oportunidades para o avanço de políticas racistas e autoritárias, visto que catástrofes como ondas de calor, fome e migrações forçadas podem levar governos e sociedades a reagirem com políticas excludentes e violentas; (3) por meio das variantes fascistas ambientais, como o ecofascismo supracitado.

Isto posto, levando em consideração o explicitado sobre a essência do fascismo e sua operacionalização em questões ambientais, de maneira “eco” e de maneira “fóssil”, o tópico a seguir discorre sobre as recentes declarações e ações do Governo Trump (2025) sobre pautas ambientais que se assemelham ao fascismo fóssil.

4. AS INCLINAÇÕES FÓSSIL-FASCISTAS NO GOVERNO TRUMP (2025)

Recentemente, após a sua posse presidencial em 20 de janeiro de 2025, Donald Trump adotou um comportamento bastante agressivo no que tange às pautas ambientais. Em seu primeiro mandato como presidente estadunidense, por exemplo, Trump já havia prometido a retirada dos EUA do Acordo de Paris, sob alegações de que a adoção das pautas propostas internacionalmente prejudicava a economia ianque e beneficiava outros países às custas dos EUA. Consequentemente, em uma das suas primeiras revogações como presidente no ano de 2025, Trump, em decreto presidencial, removeu os EUA oficialmente do Acordo de Paris, juntando-se ao Irã, à Líbia e ao Iêmen, como os únicos países fora do Acordo (Redação G1, 2025).

Vale ressaltar que o objetivo principal do tratado assinado durante a Conferência das Partes (COP)21, o Acordo de Paris, é a manutenção do aquecimento global abaixo de 2°C até o final do século XXI, buscando esforços para a limitação do aumento até, no máximo, 1,5°C. Contudo, dados registram que em 2024 a temperatura média global registrou um aumento de 1,6°C em relação aos níveis pré-industriais, pela primeira vez (Redação G1, 2025).

Levando isso em consideração, a saída dos EUA do Acordo de Paris significa um impacto direto no combate internacional contra as mudanças climáticas e na promoção de pautas sustentáveis, pois os EUA se consagram como a segunda maior emissora de gases de efeito estufa, para poder sustentar o seu posto de maior (ou uma das maiores) economia mundial (Redação G1, 2025).

Para além do anúncio da retirada dos EUA do Acordo de Paris, Trump prometeu travar uma batalha contra as restrições ambientais. Segundo o site de notícias G1 (2025), o presidente ianque é conhecido pelo apoio ao setor dos combustíveis fósseis, o que preocupa especialistas da área ambiental e ambientalistas no geral.

Nessa linha de ataque às restrições ambientais, algumas declarações de Trump em sua rede social “X” chamaram a atenção. Além do resgate do slogan “Drill, baby, drill” (Brady, 2025), o presidente estadunidense criticou a adoção de canudos de papel como pauta sustentável para reduzir o acúmulo e o desperdício desnecessário de plástico ocasionados pela utilização de canudos desse material, lançando mais uma frase de efeito: “Back to plastic!” (Yeshiva World News, 2025).

O slogan “Drill, baby, drill” foi utilizado pela primeira vez em uma campanha republicana em 2008 pelo ex-vice-governador de Maryland, Michael Steele. Com o intuito de expressar apoio ao crescimento da perfuração de petróleo e gás como fontes de energia, o slogan ficou ainda mais em

evidência após ser utilizado pela candidata republicana à vice-presidência daquele ano, Sarah Palin (Harger, 2008).

Por conseguinte, em 2024, durante a sua campanha presidencial, Donald Trump ressuscitou o slogan, como mostra abaixo:

FIGURA 1 - DONALD TRUMP EM UM EVENTO DE CAMPANHA EM OUTUBRO DE 2024, NA PENSILVÂNIA



Fonte: Brady, 2025.

Diante disso, este passou a ser um dos seus slogans de campanha, junto ao “*Make America Great Again*”, aparecendo também em seu discurso inaugural na posse de 2025.

Já a outra declaração que leva o título da presente pesquisa, “Back to plastic!”, como mencionado anteriormente, diz respeito à intercessão de Trump pelos canudos plásticos, em que afirmou que iria assinar uma ordem presidencial para decretar o fim dos canudos de papel:

FIGURA 2 – “TWEET DE DONALD TRUMP INTERCEDENDO PELA VOLTA DOS CANUDOS DE PLÁSTICO”



Donald J. Trump ✓
@realDonaldTrump



I will be signing an Executive Order next week ending the ridiculous Biden push for Paper Straws, which don't work. BACK TO PLASTIC!

⁴Fonte: Yeshiva World News, 2025.

Em um mundo onde são geradas aproximadamente 400 toneladas de desperdício de materiais plásticos por ano, em que 60% desse desperdício vai parar no meio ambiente e apenas 9% é reciclado, essas declarações são preocupantes e alarmantes. Ainda, a maioria desse plástico advém de combustíveis fósseis, contribuindo diretamente para o aumento dos gases produtores do efeito

⁴ Tradução livre: “Assinarei uma Ordem Executiva na semana que vem encerrando a ridícula iniciativa de Biden por canudos de papel, que não funcionam. DE VOLTA AO PLÁSTICO!”

estufa, de modo que os EUA são responsáveis pela emissão de mais de 230 milhões de toneladas de dióxido de carbono anualmente (Igini, 2025).

Dito isso, as declarações e ações de Trump em torno dessa temática não são meras retóricas ingênuas ou desprovidas de inteligência em meio aos fatos científicos apresentados, mas sim são formas fóssil-fascistas de proteção dos privilégios dos detentores do capital fóssil, as quais auxiliaram no financiamento e na permissão para que ele ascendesse ao poder. De acordo com a Agence France-Presse (AFP) (2024), a campanha presidencial de Trump prometeu a revogação de políticas ambientais promovidas pelo ex-presidente estadunidense, Joe Biden, solicitando a arrecadação de, aproximadamente, 1 bilhão de dólares para o financiamento da sua campanha.

Assim, fica notório que as suas políticas atendem o interesse do capital fóssil. O que faz com que se configure enquanto um governo fóssil-fascista? Levando em consideração todo o exposto sobre o que de fato é a essência fascista e o *modus operandi* do fascismo fóssil, a primeira característica é a proteção do capitalismo fóssil por meio da exaltação dos EUA enquanto uma nação grandiosa que está sequestrada ideologicamente. Em outras palavras, o resgate da nação proposto por Malm (2001) e Griffin (1993) através do ultranacionalismo.

Segundo o ClimaInfo (2025), o termo “dominância energética” ganhou espaço nas narrativas do Governo Trump (2025). Para esse governo, para alcançar um domínio energético é necessário que os EUA voltem a um passado em que o combustível fóssil era o centro do crescimento econômico estadunidense. Contraditórias e falsas, essas afirmativas são equivocadas, uma vez que o petróleo continua sendo o centro da economia dos EUA, apesar da adequação das pautas de sustentabilidade promovida pelo ex-presidente estadunidense (ClimaInfo, 2025).

Sempre pontuando sobre uma suposta retomada de poder, culpabilizando os democratas por terem enfraquecido os EUA, cedendo às questões de reparação climática, os discursos de Trump se associam à essência fascista, uma vez que utilizam ameaças para unir uma população. Nesse caso, é possível identificar a ameaça de “rebaixamento geopolítico” e de “perda de identidade”, nos termos levantados por Griffin (1993) e reforçados por Malm (2021).

Sempre apelando para os sentimentos nostálgicos da sua população através de uma ótica de que os EUA estão sendo rebaixados geopoliticamente e perdendo sua identidade, Trump alimenta essa fé em uma nação que está no seu leito de morte, como pode ser percebido nos seus dizeres “*Make America Great Again*” (Kraut, 2016), prometendo resgatar políticas e ações ultrapassadas que precisam, urgentemente, ser superadas, em ordem de atrasar o colapso climático.

Para além de associar a proteção do capitalismo fóssil e a promoção da exploração desenfreada de combustíveis fósseis com ideais ultranacionalistas, perpetuando concepções de que ser nacionalista é apoiar o capitalismo fóssil, Trump ainda cumpre o requisito fóssil-fascista de redirecionar a culpa para os imigrantes. Segundo o presidente ianque, os verdadeiros culpados pelos problemas no território dos EUA são os imigrantes (Robichez; Bernardes; Bohrer, 2025) (Reuters, 2024). Não assumindo responsabilidades pela culpa que os EUA possuem na emissão de gases de

efeito estufa, para não ter que responsabilizar os detentores do capitalismo fóssil que, não apenas financiaram sua campanha, como também deram margem para sua ascensão ao poder, um outro inimigo precisa ser criado para fomentar o sentimento de ódio e divisão de “nós” contra “eles” e para garantir ainda mais a sensação de ameaça necessária para o desenvolvimento do ultranacionalismo nos moldes do resgate da nação, expostos por Griffin (1993).

Durante a sua campanha, Trump associava os imigrantes a animais selvagens, negando pautas ambientais, promovendo práticas insustentáveis e redirecionando o foco para eles. Segundo Reuters (2024), em seus discursos era comum que o republicano se referisse a essa parcela da população como violenta e caótica, intensificando o sentimento de medo e ameaças, reiterando que os EUA seriam consumidos pelo caos causado pelos imigrantes, caso ele perdesse a eleição presidencial.

Reforçando estigmas levantados por Malcom (2022) da ontologia racial por conta da fratura colonial, o presidente ianque atual associava os imigrantes a não-humanos, retirando a sua humanidade nos seus discursos para justificar atos violentos que pudessem vir a acontecer. Algo muito similar ao que Hitler fez com os judeus durante o regime nazista, conforme mencionado anteriormente.

Vale ressaltar que Trump adota a vertente negacionista (Matoso, 2024) do fascismo fóssil. Levando em conta que a questão imigratória está diretamente associada às questões territoriais, em que muitos são deslocados ambientais, alimentar o sentimento de ódio e repulsa pelo “outro”, imigrante vulnerabilizado, vítima de um sistema em que o país presidido por Trump é um dos maiores culpados pelas catástrofes ambientais responsáveis por imigrações em massa, denota o caráter fascista trumpista.

Por fim, diante dos fatos expostos, pode-se concluir que o atual Governo Trump (2025) cumpre todos os requisitos propostos por Griffin (1993) e Malm (2021) para ser considerado fóssil-fascista: emerge em meio a uma crise (ambiental); protege os interesses dos detentores do capital fóssil; nega a ciência climática; não se responsabiliza pelas catástrofes ambientais; cria novas ameaças e guerra contra um “inimigo em comum” racializado; propaga o sentimento de fé por uma nação sequestrada que precisa ser resgatada, alimentando o ultranacionalismo ianque; e redireciona a culpa dos problemas territoriais para o inimigo racializado criado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possuiu o intuito de demonstrar que o fascismo não está morto. Muito pelo contrário. Conforme o exposto por Griffin (1993), o fascismo possui uma característica palingenética. Logo, a sua operacionalização pode aparecer de variadas formas a depender do âmbito em que atua e de qual crise ele se aproveita para emergir com o auxílio das classes dominantes.

O que faz com que a governabilidade seja fascista, apesar da sua forma de operacionalização palingenética, é a sua essência. Dessa forma, faz-se necessária a identificação desta, que segue um padrão ultranacionalista, criando supostas ameaças, alimentando um sentimento de fé nostálgica a partir da propagação de narrativas que visam adentrar o imaginário coletivo de uma suposta nação que foi “grande antigamente”, mas que hoje está sequestrada ideologicamente, e alimentando um sentimento de ódio eugenista por minorias, direcionando a culpa dos problemas e ameaças para essas minorias.

Dentro desses pressupostos, o artigo possuiu o objetivo de evidenciar que o Governo Trump (2025) possui características fóssil-fascistas, uma vez que foi com o auxílio do financiamento dos detentores do capital fóssil que ascendeu ao poder, em meio a uma crise ambiental. Nesse caso, protegendo diretamente os interesses do capitalismo fóssil, como percebido por slogans da sua campanha, como “*Make America Great Again*”, “*Drill, baby, drill*” e o título do artigo “*Back to plastic!*”.

Dito isso, pelo fato da crise analisada ser a ambiental, as pautas que são mais atacadas nacional e internacionalmente são as que visam proteção e restrições ambientais. Vale ressaltar que um dos principais motivos para os EUA tomarem essa posição nessa conjuntura explicitada é o exposto por Santolini (2024) de que corroborar com os fatos científicos sobre as mudanças climáticas e crises ambientais seria admitir que o maior problema é a forma como os combustíveis fósseis são explorados e, logo, chega-se na raiz do problema: o modo capitalista de produção.

Assim, não só os EUA assim como todos os países mais ricos do Norte Global, teriam que assumir a responsabilidade sobre os seus papéis catastróficos no meio ambiente internacional e aderir e promover cada vez mais pautas sustentáveis que priorizam a preservação da natureza. Todavia, isso não é interessante para os detentores do capitalismo fóssil, pois afetaria diretamente os seus lucros e privilégios. Portanto, a partir de propagações de associações da defesa do capital fóssil com pautas ultranacionalistas, o capital fóssil faz com que ascenda figuras políticas como Donald Trump.

Por fim, o presente trabalho adverte para a importância de identificar a essência fascista em governos eleitos e campanhas presidenciais, uma vez que suas declarações eleitorais reverberam em suas ações pós-eleitos, afetando diretamente toda a conjuntura internacional progressista que visa à proteção de pautas historicamente pormenorizadas pelas Relações Internacionais, como proteção dos direitos humanos e do meio ambiente, ameaçando, assim, para além da destruição ambiental, o fim da humanidade em prol da proteção de interesses privados de uma classe dominante.

REFERÊNCIAS

AGENCE FRANCE-PRESS. **The Washington Post**: Trump prometeu a petroleiras revogar políticas ambientais de Biden. Carta Capital, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/the-washington-post-trump-prometeu-a-petroleiras-revogar-politicas-ambientais-de-biden/>. Acesso: 20 fev. 2025.

AGENCE FRANCE-PRESS. **Trump acusa migrantes de ‘roubar’ empregos e comer ‘animais de estimação’**. UOL, 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2024/09/11/trump-acusa-migrantes-de-roubar-empregos-e-comer-animais-de-estimacao.htm>. Acesso: 19 set. 2025.

ALTVATER, Elmar. O capitalismo fóssil e seu ambiente social e natural. **Baru, Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, v. 3, n. 1, Goiânia, p. 143-164, 2017.

BBC. **O que é ‘woke’ e por que termo gera batalha cultural e política nos EUA**. BBC News Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do>. Acesso: 19 set. 2025.

BRADY, Jeff. **Enquanto Trump promete adotar combustíveis fósseis, a política climática dos EUA não mudará rapidamente**. VPM News, 2025. Disponível em: <https://www.vpm.org/npr-news/npr-news/2025-02-01/as-trump-vows-to-embrace-fossil-fuels-u-s-climate-policy-wont-change-quickly>. Acesso: 20 fev. 2025.

CLIMAINFO. **“Domínio energético”**: Trump recorre à guerra cultural para defender combustível fóssil. Instituto Humanitas Unisinos, 2025. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/648490-dominio-energetico-trump-recorre-a-guerra-cultural-para-defender-combustivel-fossil>. Acesso: 20 fev. 2025.

COPERNICUS CLIMATE CHANGE SERVICE. **Global climate highlights 2024**. European Centre for Medium-Range Weather Forecasts, 2025. Disponível em: <https://climate.copernicus.eu/sites/default/files/custom-uploads/GCH-2024/GCH2024.pdf>. Acesso: 13 jul. 2025.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: NUPAUB/USP, 2008.

GRIFFIN, Roger. **The Nature of Fascism**. London and New York: Routledge, 1993.

HARGER, Jim. **GOP election promoter urges handlers to unleash Sarah Palin**. The Grand Rapids Press, 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090207115040/http://www.mlive.com/news/grpress/index.ssf?%2Fbase%2Fnews-44%2F1222953355216000.xml&coll=6>. Acesso: 20 fev. 2025.

HOLGERSEN, Ståle. **Dez coisas sobre o ecossocialismo**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2025. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/carbono/2025/06/10/dez-coisas-sobre-o-ecossocialismo/#72513b1a-17cf-4f58-892b-adf63d0438b9>. Acesso: 12 jul. 2025.

IGINI, Martina. **Trump Signs Order to Bring Back Plastic Straws, Claiming Paper Ones ‘Don’t Work’**. Earth.org, 2025. Disponível em: <https://earth.org/trump-signs-order-to-bring-back-plastic-straws-claiming-paper-ones-dont-work/>. Acesso: 20 fev. 2025.

KIRSCHBAUM, Charles. Decisões entre pesquisas quali e quanti sob a perspectiva de mecanismos causais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.28, n.82, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), 2013.

KRAUT, Alan M. **“Make America Great Again”... Again?** Center for Migration Studies, 2016. Disponível em: <https://cmsny.org/wp-content/uploads/2017/01/Make-America-Great-Again...-Again.docx-2pdf.com-edit-metadata.pdf>. Acesso: 20 fev. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MACIERA, Aislan C. M. O filho do século: Mussolini e as origens do fascismo. **Literatura Italiana Traduzida**, v.1, n.6, Santa Catarina, p. 1-9, 2020.

MALCOM, Ferdinand. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MALM, Andreas. Towards Fossil Fascism? In: MALM, Andreas and The Zetkin Collective. (org.). **White Skin, Black Fuel: On the Danger of Fossil Fascism**. London: Verso, 2021. p. 167-189.

MARSH, G. P. **Man and Nature**. Or, Physical Geography as Modified by Human Action. Cambridge: Harvard University Press, 1965.

MARTÍNEZ, Layla. **Extrema direita e crise climática: o risco do nacionalismo verde**. Instituto Humanitas Unisinos, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/592269-extrema-direita-e-crise-climatica-o-risco-do-nacionalismo-verde>. Acesso em 20 fev. 2025.

MATOSO, Filipe. **Meio ambiente, migração, comércio e diplomacia: efeitos do êxito de Trump**, segundo analistas. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/06/meio-ambiente-migracao-comercio-e-diplomacia-os-efeitos-da-vitoria-de-trump-segundo-analistas.ghtml>. Acesso: 19 set. 2025.

NUNES, Marilene. **A história que os ecologistas não querem contar** (parte I). Portal Ambiente Legal, 2014. Disponível em: <https://www.ambientelegal.com.br/a-historia-que-os-ecologistas-nao-querem-contar-parte-i/>. Acesso: 20 fev. 2025.

PORTO, Rayssa; SILVA, Mirthis. Tratado de Versalhes: Sanções para a paz? In: CASTRO, Ricardo F; REIS, Thiago de S dos; PIRES, Verônica M. dos S.; SILVA, Giovanni C. da. (org.). **Anais do 2º Encontro Internacional História & Parcerias**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2019. p. 1-11.

REDAÇÃO G1. **Procuradora-geral dos EUA relaciona imigrantes ilegais com tráfico de drogas**. G1, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/07/15/procuradora-geral-dos-eua-acusa-imigrantes-ilegais-de-fazer-trabalho-dos-carteis-de-drogas.ghtml>. Acesso: 19 set. 2025.

REDAÇÃO G1. **Trump assina decreto para saída dos EUA do Acordo de Paris; veja impactos para o meio ambiente**. G1, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2025/01/20/trump-decreto-saida-dos-eua-acordo-de-paris-impactos-meio-ambiente.ghtml>. Acesso: 20 fev. 2025.

REUTERS. **Trump chama imigrantes de “animais” e intensifica foco em imigração ilegal**. CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/trump-chama-imigrantes-de-animais-e-intensifica-foco-em-imigracao-ilegal/>. Acesso: 20 fev. 2025

RIBEIRO, Daniela. O impacto da cultura woke na sociedade contemporânea. **The Trends Hub, Revista Acadêmica de Tendências em Comunicação e Ciências Empresariais**, v.1, n.3, Porto, p. 1-7, 2023.

ROBICHEZ, Adele; BERNARDES, José; BOHRER, Larissa. **Trump culpa imigrantes por crise econômica para encobrir bilionários, diz editora de projeto internacional**. Brasil de Fato, 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/06/13/trump-culpa-imigrantes-por-crise-economica-para-encobrir-bilionarios-diz-editora-de-projeto-internacional/>. Acesso: 19 set. 2025.

SANTOLINI, Francesca. **Agora os ecofascistas exploram o clima contra os migrantes**. Instituto Humanitas Unisinos, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/615376-agora-os-ecofascistas-exploram-o-clima-contra-os-migrantes>. Acesso em 20 fev. 2025.

SANTOLINI, Francesca. **Também a extrema-direita ama o meio ambiente**. Assim nasce e se desenvolve o ecofascismo. Instituto Humanitas Unisinos, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/638715-tambem-a-extrema-direita-ama-o-meio->

[ambiente-assim-nasce-e-se-desenvolve-o-ecofascismo-artigo-de-francesca-santolini](#). Acesso em 20 fev. 2025.

STAUDENMAIER, Peter. Fascist Ecology: The "Green Wing" of the Nazi Party and its Historical Antecedents. In: Janet Biehl and Peter Staudenmaier. (org.). **Ecofascism**: Lessons from the German Experience. The Anarchist Library, 1996. p. 5-20.

TAIBO, Carlos. **Colapso**: Capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo. Curitiba: Editora UFPR, 2020.

VASCONCELOS, Jonnas Esmeraldo Marques de. **Metodologia da pesquisa**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2023.

YESHIVA WORLD NEWS. **Trump To Bring Back Plastic Straws**. Yeshiva World News, 2025. Disponível em: <https://www.theyeshivaworld.com/news/liveblogs/live-blog/2361979/trump-to-bring-back-plastic-straws.html>. Acesso: 20 fev. 2025.